

A Voz do Dono e o Dono da Voz a representação midiática da guerra civil colombiana

por Paulo Alcoforado

Brasil, 1936. A impressão na película de um grupo armado que não reconhecia o poder do governo nacional acabou, pelo constrangimento a que foi submetido o Estado de Direito quando da exibição do material, por determinar, anos depois, o fim do banditismo rural denominado cangaço. Embora seja outro o contexto, outra a proporção, o Estado colombiano foi igualmente posto à prova nove dias após a edição do Plano Colômbia de Combate ao Narcotráfico, de 27 de setembro de 2000, desta feita por imagens de soldados e policiais confinados em campos de prisioneiros das FARC - Forças Armadas Revolucionárias Colombianas, veiculadas em rede nacional de televisão aberta.

Uma das grandes diferenças de proporção entre os episódios é a aliança Colômbia-Estados Unidos que, sob nova denominação - Iniciativa Regional Andina - tenta somar forças na comunidade internacional para acabar com o que está sendo chamado de terrorismo. Chefes de Estado do Equador, Peru, Brasil, Venezuela e Panamá, preocupados com suas fronteiras, já pensam em solução conjunta para conter o impacto de investimento da ordem de US\$1,3 bilhão, um dia destinados a reduzir

à metade o tráfico de drogas, hoje voltado ao combate à guerrilha.

A história da Colômbia já pôde ser contada através dos confrontos entre elites econômicas pelo monopólio de exploração das abundantes riquezas naturais. Nasceu assim, quando, em 1820, o bloqueio marítimo inglês impediu o retorno das tropas espanholas à América, deslocadas à metrópole para reverter a Revolução Liberal em curso, viabilizando a independência política de quase toda a América Espanhola. Foi assim

Hemos tenido conocimiento de la posible emisión en su Canal, de un programa relacionado con las condiciones en que se encuentran los soldados y policías retenidos por las FARC, tema que durante la última semana ha concitado la atención de la opinión pública.

Al respecto, muy respetuosamente y desprovistos de cualquier otro interés más allá del de colaborar con nuestra opinión frente a la situación de violencia que permanente y lamentablemente sufre nuestra Patria, nos permitimos sugerirle reconsiderar la emisión de dicho programa.

até a independência da região do Istmo em 1903, no então Panamá, sob tutela dos Estados Unidos.

Em meados do século XX modificou-se, entretanto, o estatuto da guerra, agora representação de conflitos de classe, a promover a união das elites, hoje representadas pelos partidos Conservador e Liberal, contra novos personagens sociais - camponeses e guerrilheiros marxistas. A economia também modulou-se, acrescentando ao extrativismo mineral (petróleo, ouro e pedras preciosas) e vegetal (madeira) as culturas da *cannabis sativa*, coca e papoula,

que se somaram à produção agrícola tradicional (banana, café e açúcar), consolidando o crescimento da economia colombiana - que, registre-se, nunca recorreu ao FMI.

Essa guerra já dura quase quarenta anos e matou somente na última década mais de 35 mil pessoas. Sua existência midiática deuse a partir da edição do Plano Colômbia de Combate ao Narcotráfico, cobertura esta intensificada a partir do 11 de setembro (o General Collin Powell estava em Bogotá), com reiteradas tentativas de enquadrar as ações das

Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia e Exército de Libertação Nacional ao signo do terrorismo.

Há óbvios interesses do governo estadunidense, motivados pela indústria do tabaco e, principalmente, pelo temor de uma América convulsionada pelas reformas de base da Venezuela, bancarrota da Argentina, além do revés histórico para Cuba, dissonâncias à doutrina de Washington. Houve, porém, um movimento colombiano, diga-se, espontâneo, acordado entre o Presidente colombiano Andrés Pastrana, candidato pelo Partido Conservador, e o Comandante supremo das FARC Manuel "Tiro-Certo" Marulanda Vélez, que modificou uma vez mais o estatuto da guerra, ao converter as

principais forças da tensão em personagens midiáticos.

As montanhas de Caguán

O jogo de cena dá-se num palco eletrônico – a Televisão e sua consorte, a Internet. No não-linear a história é outra, os personagens ainda adaptam-se ao tempo da representação. Em meio a negociações de paz eles buscam seu espaço. Em meio a manifestações de força eles forjam seus carismas. Em meio a um ritual de iniciação reconstroem-se os protagonistas de uma sociedade assolada por seqüestros nos centros urbanos e produção de drogas no campo (principais fontes de financiamento de grupos armados legais e ilegais).

Em cena, Andrés Pastrana, do Partido Conservador, eleito sobre o escândalo que envolve seu antecessor, Ernesto Samper, do Partido Liberal, diante das evidências de financiamento de sua campanha pelo Cartel de Cáli. Contracenando, Manuel Marulanda Vélez, o Tiro-Certo, comunista, desde os anos 50 militando no meio camponês, líder de um exército de 17 mil guerrilheiros.

Recém-eleito, mas ainda não empossado, Pastrana foi surpreendido por Tiro-Certo que lhe apresentou propostas para troca de prisioneiros. De maneira não menos surpreendente o Presidente assumiu o compromisso de enviar a lista dos prisioneiros *canjeables*. O primeiro encontro deu-se nas montanhas de San Vicente del Caguán, em 9 de julho de 1998 – o Presidente sem escolta e o Comandante guerrilheiro – e foi transmitido pelas redes de televisão estatais do país. O evento resultou na Agenda Comum de Mudança para uma Nova Colômbia, deflagrando as negociações para o processo de paz.

Em fevereiro último os telejornais do planeta exibiram o espetáculo de ocupação pelo Exército da Colômbia da zona desmilitarizada. Aliás, também desmilitarizada pelas FARC desde outubro de 2001. A região reouve as condições de segurança anteriores a 7 de novembro de 1998, como bem ilustrou o seqüestro da candidata à presidência Ingrid Betancur.

São três, basicamente, os movimentos do jogo de mídia que se deram paralelamente aos quase ininterruptos atentados à infra-estrutura do país e confrontos bélicos. O Presidente foi empossado, cedeu o território de 42 mil km² às FARC, e compareceu ao segundo encontro, às vistas de jornalistas, do escritor Gabriel García Márquez e de mães dos cerca de 500 soldados e policiais prisioneiros da guerrilha. As FARC nomeiam o território de República Independente de Caguán, referem-se ao poder representado pelo Presidente como Governo de Bogotá, e seu Comandante não comparece ao encontro em 7 de janeiro de 1999. Quatro meses depois deu-se, enfim, o segundo encontro entre os líderes – as FARC reivindicam a troca de prisioneiros de guerra. Pastrana é escada de Tiro-Certo.

Pressionado pelo governo Clinton, o Presidente edita o Plano Colômbia, sob consultoria e apoio logístico dos Estados Unidos. As FARC condenam a reunião do Ministro do Interior com líder pa-ramilitar, suspendem negociações e, segundo o Exército da Colômbia, assassinando o presidente da comissão de paz do Congresso e seqüestrando avião com 32 pessoas a bordo, em





soldados, pressionando o governo a criar lei para troca de prisioneiros. Pastrana e Tiro-Certo alcançam o estrelato.

Fim do jogo de cena

Paralelamente a esses três movimentos, dois outros grandes acontecimentos de mídia foram capazes de mobilizar a população. A Confederação Sul-Americana de Futebol confirma a realização da Copa América na Colômbia em julho de 2001, vencida heroicamente pela seleção nacional. O evento mexe com os brios da população, que se comporta em pleno drama burguês como algo equivalente ao coro de tragédia grega. Não fosse o momento histórico crítico, sinalizado com promessas de paz em meio ao clima de total insegurança, a associação



dezembro de 2000 e janeiro de 2001, respectivamente. Tiro-Certo é escada de Pastrana.

Diplomatas estrangeiros de 25 países, além do Vaticano e das Nações Unidas, reúnem-se com negociadores do governo colombiano e das FARC em San Vicente del Caguán, em 8 de março de 2001. O embaixador brasileiro em Bogotá é Marcus De Vicenzi. Os EUA não enviam representante. Meses depois, comissão formada por integrantes do Governo da Colômbia e das FARC viaja pelo mundo, visitando alguns países de regime democrático. Em junho é realizada a primeira troca de prisioneiros: 29 soldados por 15 guerrilheiros, todos doentes. Em seguida, num gesto unilateral, as FARC libertam 250

não seria possível. Os torcedores não se identificam com os jogadores – no nível do Presidente – mas temem por sua sorte.

A conquista da Copa América veio, de fato, contrabalançar um grande golpe sobre a auto-estima colombiana. Em 6 de outubro de 2000 o país pôde assistir via satélite, pelo Canal Caracol (maior empresa de comunicação colombiana), ao filme de sua fragilidade. Anúncios de um programa jornalístico intitulado *En el verde mar del olvido*, de Jorge Enrique Botero, antecipavam algumas imagens e depoimentos de soldados e policiais em poder das FARC. Apesar dos anúncios o programa jornalístico de 43 minutos foi abortado pela empresa produtora, atendendo à “solicitação” da Comissão Nacional de Televisão. E Botero, convidado a se desligar.





Primeira-mão: a revista *Sinopse* teve acesso ao programa, primeiro de uma série que reintroduziria a grande reportagem à grade de programação da televisão aberta colombiana, projeto do experiente e laureado jornalista Jorge Enrique Botero, desde sua incorporação ao Canal Caracol. Os soldados e policiais em poder das FARC era o tema preciso para inaugurar a série de reportagens.

Visitando a zona de distensão, onde eram travados os diálogos entre governo e FARC, o jornalista propôs ao guerrilheiro Jorge Briceño, o “Mono Jojoy”, que o deixasse entrar com uma câmera nos campos de prisioneiros para entrevistá-los, e em seguida lhe concedesse uma entrevista. “*Pues eso está berraco, porque esse tema es del camarada Marulanda [Tiro-Certo] ...pero déjeme yo*

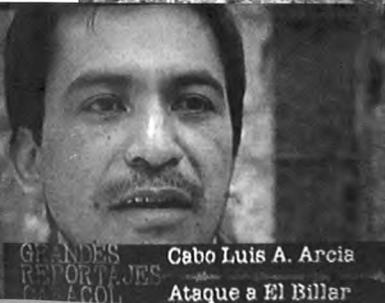


termino de cuadrar unas vainas y le aviso. Yo le mando razón se sí o si no”, respondeu Jojoy. Menos de um mês depois, um bilhete remetido indicava que deveria estar no dia 22 de setembro na aldeia de Los Pozos, em San Vicente del Caguán. Cinco dias antes da edição do Plano Colômbia.

Acompanhado por uma produtora e um cinegrafista, foi levado às pressas por uma caminhonete, em dois turnos de 7 horas, até um rio. Uma embarcação adentrou um labirinto d’água e, após um dia completo, deixou-o em algum lugar da floresta equatorial colombiana. Uma caminhada de 6 horas levou-o até o primeiro dos cinco campos de prisioneiros que lhe permitiram conhecer. As imagens e depoimentos das chamadas para o programa foram o suficiente

para que os telespectadores se identificassem com os 261 soldados e policiais – abaixo do nível de Mono Jojoy e do Comandante, ambos filmados em contra-plongée – e temessem por sua sorte.

A censura exercida pelo Canal Caracol desencadeou um debate público de grande repercussão na mídia impressa e em setores da sociedade civil organizada, agenciado muitas vezes por exibições clandestinas do programa, forçando a emissora a exibi-lo uma única vez, sem divulgação, em horário ingrato. Sua exibição deu fim ao jogo de cena iniciado nas montanhas de Caguán, cuja interpretação dos atores Pastrana e Tiro-Certo tendia ao equilíbrio, até para não pôr suas vidas em risco. Novos arranjos já foram rascunhados no dia 21 de fevereiro último,



quando candidatos à presidência convocados pelo governo da Colômbia e pelas FARC tiveram 15 minutos para intervenções numa reunião transmitida pelas redes de televisão estatais. Os personagens do Presidente e do Comandante não resistiram, capitularam à vida midiática. Sem verbo não há teatro. E nesse palco eram contracenadas negociações de paz de uma guerra de quatro décadas.

Gestão de multidões

Mesmo comprometendo uma “cumplicidade” conquistada a duras penas, o programa é espaço privilegiado para percepção da construção midiática da guerra civil colombiana. *En el verde mar del olvido* é uma grande reportagem, um entre tantos subgêneros do telejornalismo, a ocupar as grades de programação ao longo do dia. No Brasil, esse espaço originalmente conquistado pelo documentário é hoje ocupado por programas como *Globo repórter*. Por grande reportagem entenda-se extensa, não necessariamente profunda, reveladora, jornalística. Sua qualidade de pré-roteirização, sua expressão de voz *over* dando sentido, muitas vezes, a planos de cobertura, em meio a *inserts* de depoimentos professorais ou entrevistas em campo, garantem a segurança necessária à empresa de mídia. Sua limitação narrativa para suportar ambigüidades, sua tendência monofônica, mantém sob controle jornalistas contratados.

O paradigma foi dado pelo movimento do Documentarismo Inglês que, na década de 20 do século passado, socorreu o homem de seu papel coadjuvante no filme de atualidades e no cinema documental

Solicitud colaboración

Doctor

JOSE VICENTE FIERRO

VICEPRESIDENTE

NOTICIAS CARACOL T.V.

Ciudad.

Sin editar

O modo de produção *broadcast*, formato 52 minutos (com anúncios comerciais), suporte Betacam, gênero

européus, lugar por excelência de exercícios de fé na tecnologia. O homem que num mesmo quadro passava a contracenar com a engrenagem não era, porém, um indivíduo, mas uma função social no “drama mais complexo e mais íntimo de sua cidadania”, afirmaria John Grierson, líder do movimento e realizador do emblemático *Drifters* (1929), no qual um navio é palco para que o labor de pescadores alcance a amplitude dramática de heróis que arriscam suas vidas diariamente para alimentar os cidadãos ingleses.

Representação audiovisual de uma visão de comunicação como fator de integração das sociedades humanas, não é de se estranhar que esse engajamento social venha a reboque de um dirigismo estatal, amparado inicialmente pelo Empire Market Board e num segundo momento pela General Post Office, órgãos públicos de comércio e correio, respectivamente, destinados a unificar as partes do Império Britânico. Eis o legado daqueles belos filmes: buscavam a plasticidade do trabalho físico (a arte como subproduto de um trabalho bem executado), mas foram absorvidos como modalidade de dramatização da realidade, nos termos da gestão de multidões.

jornalismo, nesse esforço de reportagem de Botero, não resultaram num “documentário” sobre instintos assassinos de animais selvagens, *habitats* de animais em extinção, ou mapeamento das fronteiras locais. A câmera aqui vive o dilema de ocupar território inimigo (o Canal Caracol é concessão pública do governo da Colômbia) e seguir o roteiro estabelecido pelas FARC, desde a restrição de registrar apenas uma hora em cada um dos cinco “acampamentos de reclusão” pré-selecionados, passando pela coincidência da visita também monitorada de duas mães de prisioneiros, com o fim de colher provas de sobrevivência dos mesmos, até a *mise-en-scène* de Mono Jojoy, quando de sua aparição em um dos campos de prisioneiros.

En el verde mar del olvido é dividido em dois blocos dramáticos de 24 e 19 minutos, respectivamente. A câmera é sempre convertida em espectadora dos encontros emocionados entre “*las dos mamás*” e os soldados e policiais. Os campos de prisioneiros são dados a ver de acordo com o tempo de confinamento dos detentos (em ordem crescente), informado pelos *gcs*. Também perpassando os dois blocos o que a edição polariza: o Coronel prisioneiro Luis Mendieta e o guerrilheiro-chefe Mono Jojoy. Insiste monótona a visão de cercados de madeira e arame sobre fundo verde.

O primeiro ato varia sobre o *status* de beligerância pressuposto na prática de fazer “prisioneiros de guerra”, legitimado mesmo pelo coronel, que critica as condições



Mayor LUIS FELIPE VALENCIA HURTADO
Jefe Departamento Relaciones Públicas Ejército

dadas aos prisioneiros, invocando os direitos humanitários internacionais. O guerrilheiro-chefe, por sua vez, pondera sobre as adversidades naturais de um acampamento de reclusão na selva, exposto à umidade e intempéries, prometendo porém melhorar as acomodações. É Botero quem questiona Jojoy quanto à legalidade de fazer prisioneiros de guerra. O guerrilheiro coloca a questão nos termos de relações entre estados autônomos, insubmissos ambos às leis do outro: Governo de Bogotá *versus* República Independente de Caguán.

Posta a premissa, o segundo ato traz então ao primeiro plano os prisioneiros sem patente, “pessoas de verdade” que espontaneamente se despem da farda, fazendo contraponto aos personagens do coronel e do guerrilheiro-chefe. O sentimento de abandono logo se converte em choro, críticas ao governo, orações coletivas, evocação de milagres, pregações. Os dois últimos depoimentos do programa são dados por soldados de maneira distinta. O primeiro converte-se em personagem carismático, dirigindo-se à câmera, pregando o caminho do dissenso: “a paz está em amar e perdoar todo mundo”. Vislumbrar outras colômbias? O segundo é uma pessoa de carne e osso, de apelido “Rada”. Ele diz sentir-se como um dos marinheiros do submarino Kursk, “en el verde mar del olvido”.

O programa termina com essas palavras, aderindo a essa perspectiva humanitária, revelando a tese da reportagem, conforme explica Botero à revista *Nación*: “*el camino de dos madres al encuentro de sus hijos y la situación de los soldados em cautiverio*”. A edição parece sugerir que a Colômbia pode prescindir de personagens. Talvez esta leitura

seja melhor que o objeto. *En el verde mar...* detém-se sobre os soldados e policiais, fiscaliza os direitos humanitários internacionais, como “*las dos mamás*”, que colhem em câmera doméstica (o programa não revela) provas de bons tratos. *En el verde mar...* não investe sobre o conflito midiático, sobre a construção das personagens, sendo então assimilado.

O coronel prisioneiro revela-se mais humano, por mais irônico que possa parecer, quando saúda colombianos notabilizados pela exposição na mídia mundial, como a cantora *pop* Shakira pelo Grammy Awards, o piloto de Fórmula 1 Juan Pablo Montoya e a seleção de futebol colombiana, envolta ainda na incerteza se será anfitriã da Copa América. O guerrilheiro-chefe fala para prisioneiros em um

com os prisioneiros, dentro do cercado, deixando o cinegrafista no nível destes.

Entrevistado, Botero afirma ser incapaz de informar sobre a localização dos campos de prisioneiros. A interdição à exibição em tevês abertas e internet (os direitos pertencem ao Canal Caracol) e as pistas para localização permitidas pelas imagens, em especial a evidência de eletrodomésticos, são dado novo de um constrangimento de Estado que pode converter *En el verde mar del olvido* num prólogo ao extermínio da guerrilha colombiana, a exemplo daquelas não menos surpreendentes imagens que um certo libanês produziu em matas muito menos cerradas do nordeste brasileiro sobre um certo grupo de cangaceiros.

A reação primeira foi a solicitação da

Comedidamente me permito solicitar su colaboración, en el sentido de autorizar a quien corresponda el suministro de una copia de los Videos SIN EDITAR sobre las imágenes de la Visita realizada por las Madres de los Soldados secuestrados por las autodenominadas Fuerzas Revolucionarias de Colombia (FARC), presentadas durante las emisiones del día 06 de Octubre del 2000.

“auditório”, tendo ao fundo alguns monitores de televisão e um aparelho de som. Sempre às 19 horas, prisioneiros e guerrilheiros assistem a telejornais.

Diante da “pré-roteirização” do Comandante supremo, a busca pela imparcialidade característica ao jornalismo e a tendência à monofonia da grande reportagem acabaram resultando na desproporção das forças, em favor da guerrilha. Foi rompido o equilíbrio que caracterizou as relações midiáticas desde a eleição do Presidente. A ação dramática do personagem Jojoy consiste em manifestações de força determinadas pela “persuasão” à *mise-en-scène* da câmera. Isso se dá no auditório e, emblematicamente, quando o guerrilheiro-chefe sobe numa plataforma para conversar

Comissão Nacional de Televisão, datada de 12 de outubro de 2000, no qual o seu diretor Ricardo Lombana Moscoso apela à condição de compatriota do presidente do Canal Caracol, Ricardo Alarcón. Três dias antes, porém, o vice-presidente e a diretora de arquivo audiovisual do Notícias Caracol TV, Jose Vicente Fierro e Martha Helena Restrepo, respectivamente, receberam duas outras cópias com a seguinte solicitação: “*una copia de los Videos SIN EDITAR sobre las imágenes de la Visita realizada por las Madres de los Soldados secuestrados por las autodenominadas Fuerzas Revolucionarias de Colombia (FARC)*”. O remetente: Major Luis Felipe Valencia Hurtado, chefe do departamento de relações públicas do Exército Nacional - Forças Militares da Colômbia.